



Maria Helena Braga	• mhelena.braga@iqe.org.br
Maria Sidalina Gouveia	• sidalina.gouveia@iqe.org.br
Cristina Luiza Garbuio	• cristina.garbuio@iqe.org.br
Maria Teresinha Figueiredo	• mteresinha.figueiredo@iqe.org.br
José Gayoso	• jose.gayoso@iqe.org.br

Reflexões sobre empatia na escola ...

Marta Gouveia de Oliveira Rovai
Professora Especialista em História e Colaboradora convidada pelo IQE –
Instituto Qualidade no Ensino

O fato de eu ser mulher me autoriza a falar sobre feminismo? A condição de negro me faz ser consciente da história de exploração dos negros? Ser pobre me coloca, naturalmente, na condição de resistência?

Existe uma essência que me faz ser quem eu sou e me (des)autoriza a ter uma posição sobre o outro?

Meu corpo, tão meu, é perpassado por marcas, interesses, construções, valores tão coletivos... É corpo isolado do mundo? Minha memória, minha fé, minha intelectualidade é fruto de consensos e dissensos que me povoam o tempo todo. Penso sozinha?

O que me autoriza a me referir ao outro se somos seres separados, mesmo quando semelhantes?

Se sou mulher branca e intelectual posso falar de mulheres negras e pobres? Ou não posso falar de judeus perseguidos, de bruxas, de indígenas, de mulheres estupradas, de meninos

na rua, de encarcerados, torturados, se nunca vivi essas experiências?

Será que para dizer é preciso vivenciar? Vivenciar basta para dizer?

Haverá violências mais legítimas e mais contestáveis que outras? Quem pode selecioná-las e apontá-las? Quais são os critérios de maior ou menor consciência sobre a experiência de alguém?

Por que devo me manifestar em relação a certas experiências e a outras não?

Edith Stein fala de um sentimento chamado empatia, a capacidade de reconhecer que o outro não é igual a mim e que jamais serei quem ele é.

No entanto, tenho a sensibilidade

e a consciência de só sentir-me sujeito pleno quando a atenção e qualquer ação direcionada ao outro partem não apenas da constatação, da percepção externa dele como indivíduo, mas do sentimento de que a plenificação de ambos está condicionada à forma como se desejaria tratar a si mesmo, sem distinção. Assim, se o “eu” está diretamente relacionado com o “outro”, desenvolve-se o “viver ético”, que pratica o respeito solidário, ou seja, que passa a entender que o querer, o sentir e o agir não tratam de seres individuais, mas de uma dimensão coletiva, na medida em que o outro é meu “eu possível”. E, portanto, o outro me diz respeito, não enquanto a mesma experiência, mas em relação à sensibilidade que nos aproxima e nos faz dialogar.

Rubem Alves dizia que o momento de encantamento humano é quando somos capazes de olhar o outro com sensibilidade: “Vejo o menino de olhos tristes me estendendo a mão e, por um momento, sou o menino de olhos tristes que me estende a mão”. Neste momento me responsabilizo pela tristeza do outro, que também passa a ser minha pela vontade de entender a diferença.

Muitas vezes, refletir com o igual, com o nosso par ou com o nosso grupo, sem dúvida, é sempre mais confortável e isso pode nos dar uma falsa sensação de proteção e empoderamento.

No entanto, é preciso ter cuidado com esses pequenos grandes momentos em que nos sentimos muito confiantes e acolhidos...

Passamos a escolher as vozes autorizadas a falar por nós e conosco.

Homens não devem discutir a violência promovida contra as mulheres? Brancos não devem dialogar com negros sobre o trauma histórico da escravidão? Intelectuais não devem pensar junto às classes mais desfavorecidas sobre a injustiça social? Heterossexuais não devem refletir em concordância ou dissonância com homo e transexuais? Não nos constituímos no conflito? Não nos

apropriamos continuamente uns dos outros?

Quando optamos por dialogar apenas com o próximo, corremos o risco de também estereotipar, essencializar, discriminar e excluir, utilizando as mesmas ferramentas opressoras dos grupos que acusamos e condenamos.

Quando escolhemos – pela essência e não pela constituição social e coletiva – deixamos de entender que somos construídos pelas relações e que os problemas só podem ser resolvidos levando em conta esses processos - dialéticos - que produzem seres diferentes todos os dias. Não pela essência ou pela seleção natural, ou pelas características sociais em comum, mas pela divergência e incômodo.

Reconhecer que somos seres diferentes a olhar diversamente sobre o mesmo mundo é complexo e exige de nós paciência e tolerância. E atenção! Esta última não no sentido de “cada um no seu lugar”.

Se compartilhamos nossa semelhança pelo fato de sermos vítimas, vitimizamo-nos ainda mais e esquecemos que somos mais do que isso. Somos pessoas, capazes de sair da condição de opressão (uma condição, não uma essência).

Quando nos admiramos demais uns aos outros como iguais e alimentamos nossos argumentos semelhantes, deixamos de ouvir o outro. Podemos também dividir e segregar.

Corremos o perigo de nos tornarmos intolerantes e arrogantes.

Enfim, quando nos isolamos e decidimos alimentar nossa identidade só com o que nos acaricia, corremos o sério risco, ao invés de nos fortalecermos, de desaparecermos enquanto grupo e enquanto possibilidade.

Um espelho não deve refletir apenas a nossa imagem. Deve mostrar o entorno, aquilo que também não queremos ver, aquilo que Narciso acha feio, mas que está lá, fazendo parte do mundo...

Aliás, o mundo não deve ser só espelho. Ele deveria ser também janela...